

5. Educación para la Integración

Crianças do ensino fundamental e a velhice: relacionamentos intergeracionais, convivência e abordagem do tema no contexto escolar

Trindade, Thalita; Matsukura, Thelma (orientadora); Yamashiro, Juliana (coorientadora)

thalita-trindade@hotmail.com; thelmamatsukura@gmail.com;

julianayamashiro87@gmail.com

Faculdade de Terapia Ocupacional

Universidade Federal de São Carlos

Resumo

Com o aumento de expectativa de vida, o número de famílias e de convivências multigeracionais se ampliou sobremaneira nos últimos anos. Em relação a infância, a educação gerontológica, em diferentes âmbitos e abordagens, é apontada como ferramenta relevante para melhor visão e formação da criança sobre a velhice. O presente estudo objetivou compreender sobre a convivência e relacionamentos intergeracionais de crianças do ensino fundamental e, identificar possíveis práticas escolares voltadas ao tema velhice e envelhecimento, sob a ótica dos alunos. Tratou-se de estudo qualitativo, que contou com a participação de 20 crianças do ensino público fundamental de uma escola pública do interior do estado de São Paulo. As crianças foram agrupadas de forma a compor um grupo de crianças com 7 e, outro, com 11 anos de idade. Para a coleta de dados foi utilizado um Questionário que abordou as opiniões das crianças sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas. Os resultados acerca do relacionamento intergeracional revelaram que a convivência entre crianças e idosos fica menos frequente com o passar do tempo. Além disso, verificou-se que os alunos de ambos os grupos apresentam dúvidas sobre a velhice de diversas ordens e indicam que o tema é pouco abordado na escola. A partir dos resultados, discute-se sobre os relacionamentos intergeracionais e as dúvidas apresentadas pelos participantes em função da diferença de faixa etária e, destaca-se a necessidade de implementação de ações de educação gerontológica no contexto escolar considerando que as mesmas são potentes não só para a aproximação das gerações, como também para o exercício da convivência com a diversidade desde a infância.

Palavras-Chave: educação gerontológica, relacionamentos intergeracionais, crianças, idosos.

Introdução

Atualmente vivencia-se o fenômeno do envelhecimento populacional no mundo. Com esse aumento da longevidade, a convivência com idosos tem se tornado mais comum e o papel de avós exercido por mais tempo. Como afirma Oliveira “O século XXI será o século dos avós” (Oliveira, 2009, p. 14). Neste contexto, surge a preocupação em analisar a relação avós-netos, numa sociedade que perpassa por constantes modificações e novos arranjos familiares (Souza, 2014). Segundo Sousa (2006), a atual geração de netos é a primeira que pode esperar conhecer os quatro avós.

Pesquisadores da área apontam que conviver e dialogar com os avós promove o aprendizado e a valorização de sua cultura e valores (Mendes & Alves, 2004). Eles também exercem um papel imprescindível na vida dos netos e da família ao agir como intermediários entre o passado, o presente e o futuro (Schmidt, 2007).

Contudo, tal relação é mutuamente importante para todos os envolvidos. Sob esta perspectiva, aproximar gerações é objetivo do trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos, vencer discriminações e promover ao máximo os benefícios dos relacionamentos intergeracionais (Dias & Silva, 2003; Neri, 1995).

O processo constitutivo da criança acerca do viver e envelhecer está diretamente relacionado com o que ocorre a sua volta, conforme o contexto em que está inserida (Mazutti & Scortegagna, 2006). Desta forma, o fato de conviver com um idoso, mesmo não sendo familiar, pode influenciar a atitude da criança em relação à velhice e temas relacionados ao envelhecimento (Luchesi; Pavarini & Viana, 2012).

Segundo Mazutti e Scortegagna (2006), junto ao contexto familiar temos o contexto escolar, no qual a criança inicia suas relações com o mundo. É no contexto escolar como um todo e também na sala de aula que ocorrem as trocas de significativas interações, que promovem o desenvolvimento das crianças através da aprendizagem adquirindo conhecimento e saberes (Mühl & Esquinsani, 2004).

O estudo realizado por Yamashiro e Matsukura (2015), apontou que os avós representam importante fonte de ajuda instrumental, prática e emocional ao neto. Da mesma forma, os netos fornecem variados tipos de auxílio aos avós, por meio de práticas de apoio instrumental ou mesmo por meio do exercício da conversa e da escuta. As autoras observam assim, que tais relacionamentos influenciam no desenvolvimento saudável e bem-estar de ambas as gerações.

Destarte, o presente estudo se debruça sobre a convivência e os relacionamentos

intergeracionales entre crianças do ensino fundamental e idosos. Compreendendo que, avançar no conhecimento que se tem acerca dos relacionamentos intergeracionais e convivência com idosos e crianças, pode contribuir para a identificação dos processos presentes na cultura e na realidade social, que impactam nestas relações para ambas gerações.

Objetivos

Esse estudo objetivou compreender sobre a vivência e relacionamentos intergeracionais de crianças do ensino fundamental com os idosos.

Materiais e Métodos

O presente estudo, de caráter exploratório, adotou abordagem qualitativa.

A pesquisa obteve aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (Número do Parecer 1.719.257).

Participaram do estudo 20 alunos do ensino regular fundamental de uma escola municipal, de uma cidade do interior do estado de São Paulo que conta com, aproximadamente, 240.000 habitantes. A escola recebe alunos do 1º ao 5º ano e têm cerca de 1.120 alunos. Os participantes foram divididos em dois grupos: GC7 - composto por 14 crianças

com 7 anos de idade e, GC11 – composto por 6 crianças com 11 anos de idade.

Os criterios adotados para a inclusão neste estudo foram: ser matriculado no ensino fundamental público, aceitar participar do estudo e receber autorização dos pais para a participação por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e do termo de assentimento.

Foi elaborado pelas pesquisadoras um questionário composto por questões abertas e fechadas, intitulado *Questionário de identificação das crianças e suas opiniões sobre o envelhecimento e pessoas idosas*. Objetivou-se por meio dele, caracterizar os participantes e identificar questões relacionadas ao convívio e relacionamentos da criança com idosos, dentre outras.

Para análise dos dados, os que foram advindos das questões fechadas foram analisados descritivamente e para a análise das questões abertas utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC (Lefèvre & Lefèvre, 2010).

Os DSCs são discursos-síntese enunciados na primeira pessoa do singular, que representam a fala ou o depoimento de uma coletividade (Lefèvre et al, 2002).

Resultados e Discussão

Com relação às pessoas com quem as crianças coabitam, observou-se que

algumas famílias apresentam composição multigeracional. No grupo das crianças mais novas (GC7), por exemplo, quatro relataram morar com avôs/avós e; no grupo GC11, duas delas fizeram o mesmo relato.

Pesquisas têm apontado que, atualmente, é comum encontrar a coabitação de uma família com três ou quatro gerações, como verificado no presente estudo. Esse fato implica mudanças na configuração familiar, trazendo consigo desafios referentes às relações intergeracionais e que envolvem pontos positivos e negativos como, apoio entre as gerações, cuidados, trocas, aprendizados, mas também conflitos devido às diferentes experiências culturais, comportamentais, de atitudes e valores entre as gerações.

Conforme Schmidt (2007) a família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado de unir-se e separar-se, a sede das primeiras trocas afetivo-emocionais, da construção da identidade. Assim, dada a importância da família para a constituição da criança, mostra-se imprescindível que formas alternativas de educação gerontológica sejam direcionadas para diferentes faixas etárias com o intuito de fortalecer os laços e potencializar/aprimorar os relacionamentos intergeracionais familiares (Camarano, Kanso & Mello, 2004).

As crianças participantes deste estudo foram questionadas sobre quantos anos acham que um idoso tem. Em ambos os grupos, as crianças indicaram que uma pessoa idosa tem entre 60 a 70 anos. Tal dado sugere que tanto as crianças mais novas quanto as mais velhas possuem compreensão acerca da idade para que uma pessoa seja considerada idosa, de acordo com a legislação do Brasil (Lei nº 10.741, 2003).

Contudo, apesar da maioria das crianças apontarem corretamente, observou-se que esse não é um conhecimento comum para todas, sendo que algumas apontaram 50 anos de idade, e, também, como ilustra o DSC a seguir:

Tabela 01

Conhecimento da idade do idoso (GC7)

DSC das crianças do GC7

“Tenho dúvida sobre saber a idade certa que começa o idoso”.

Nota: Elaboração Própria

A literatura aponta que as crianças podem ser influenciadas a responder tal questão baseando-se em uma percepção corporal atrelada ao senso comum, usando marcadores identitários para delimitar quem é idoso: “Cabelos brancos, rugas, uso de bengala, óculos e dentadura são, para elas, marcas do corpo-velho.” (Ramos, 2009, p. 243), e alguns desses marcos relacionados ao declínio físico do envelhecimento.

Essas representações são construídas ao longo das gerações e, portanto, variam conforme fatores sociais, culturais, e políticos, além das experiências e vivências pessoais (Mazutti & Scortegagna, 2006).

Ademais, o DSC sugere a necessidade de ampliar o conhecimento que crianças possuem acerca da velhice e do envelhecimento. Sobre o assunto, a literatura da área tem apontado para o quanto práticas de educação gerontológicas são positivas para a melhora do conhecimento das crianças com relação à velhice e aos idosos e também para as atitudes que estas estabelecem com tal geração (Oliveira et al., 2015; Cottle & Glover, 2007; Dunham & Casadonte, 2009).

Acerca de conviverem ou não com pessoas idosas, o relato das crianças participantes revelou que exceto três crianças do GC7 não conhecem idosos. Dentre as crianças que afirmam ter contato e/ou conviver, sobre estas, os avós maternos (n=9) e os bisavôs ganharam destaque no GC7, enquanto no grupo GC11, avós maternos (n=3), paternos (n=3) e também, outras pessoas (n=2) foram citadas.

É importante destacar nesses resultados o quanto as crianças parecem estar limitadas à convivência apenas com os avós ou idosos integrantes do próprio grupo familiar, o que aponta para como

seria benéfico a existência de ações sociais e educativas para a ampliação do convívio intergeracional fora do ambiente familiar. De qualquer forma, a literatura sustenta que o convívio positivo e favorável com os avós, favorece o convívio e atitudes em relação a outros idosos, contribuindo para a diminuição de estereótipos negativos relacionados à idade, refletindo em uma convivência mais pacífica e positiva, resultado de atitudes de tolerância e colaboração intergeracional (Postigo & Honrubia, 2010).

No presente estudo, os participantes que responderam não conhecer pessoas idosas, relataram também nunca ter aprendido sobre esse tema na escola. Ainda que não se tenha objetivado buscar correlações, hipotetiza-se que tal fato pode ter influenciado na concepção/identificação que elas têm da velhice.

Outro resultado referente à convivência das crianças com seus avós, aponta que embora em ambos os grupos a maioria das crianças tenha relatado estabelecer contato com frequência considerável, observou-se que no grupo das crianças mais novas (GC7) essa prevalência parece ser ainda maior. Hipotetiza-se que com o aumento da idade as crianças precisem de menos supervisão dos avós, seu repertório de interesses em relacionamentos com pares da mesma

idade possa ser maior, sua autonomia, interesses e desejos expandidos e, tais fatores associados possam fazer parte dos motivos da menor frequência de contato nos netos mais velhos.

Contudo, há de se destacar que a frequência e a intimidade nos contatos, mesmo que à distância, fortalecem as relações familiares e podem diminuir os impactos gerados pelas divergências intergeracionais, que podem aparecer porque as gerações têm diferentes padrões sociais e culturais.

Ainda que não tenha sido foco no presente estudo, destaca-se que adentrar na casa dos avós virtualmente pode ser uma forma muito utilizada pelas crianças na atualidade. Esse meio possibilita a vivência de uma intimidade à distância e de um novo tipo de relacionamento e suporte entre as gerações (Rosenmayr & Kockeis, 1963; Wilding, 2006; Ramos, 2014).

Com relação à qualidade dos relacionamentos estabelecidos entre as diferentes gerações, em ambos os grupos apareceram indicações do relacionamento como positivo ("muito bom" ou "bom"), contudo, no grupo das crianças mais velhas (GC11) apareceu também a descrição do relacionamento como "muito difícil".

Ainda, como observado nesse grupo (GC11), podem haver dificuldades presentes nestes relacionamentos. Este

resultado soma à literatura que aponta a ocorrência de distanciamento de crianças mais velhas e idosos, em comparação às mais novas. Hipotetiza-se que na idade dos participantes de 11 anos, o início de questões relacionadas à adolescência pode estar surgindo e isso pode influenciar nos relacionamentos com os avós.

A seguir apresenta-se a opinião dos participantes do estudo quanto aos motivos para descreverem o relacionamento mantido com os avós de forma positiva:

Tabela 02

Motivos da qualidade do relacionamento entre as crianças e seus avós (GC7 e GC11)

DSC das crianças do GC7	DSC das crianças do GC11
<i>"Meus avós são muito legais, me amam e eu amo eles. Muito amor, atenção e cuidados! Sempre me visitam e vão na minha casa para me dar um beijo. Também, às vezes, nós vamos na casa deles e nos divertimos!"</i>	<i>"Todos os dias pela manhã minha avó vai na minha casa. Meus avós me tratam muito bem. Eles são muito bons comigo!"</i>

Nota: Elaboração Própria

As crianças sentem-se felizes quando os idosos brincam com elas ou gastam horas lhes dando total atenção (Gusmão, 2003) assim como percebido nas falas acima.

O relato das crianças reforça o bom relacionamento estabelecido com os avós e evidencia o bom tratamento que recebem em um convívio baseado em

afeto. É visto também, a importância que elas dão às visitas dos avós, bem como, sua companhia, o que revela e afira a qualidade da relação estabelecida.

Segundo Tarallo (2015), a relação entre avós e netos pode ser entendida como uma relação de apoio mútuo ou codependência afetiva e financeira. Os avós contribuem com apoio emocional e financeiro, exercem as funções de aconselhamento e de estabelecimento de regras e limites, contrariando o senso comum sobre a permissividade excessiva dos mesmos. Tais aspectos podem ser verificados nos DSC, a seguir, onde as questões afetivas e financeiras são explicitadas:

Tabela 03

O apoio financeiro e presentes que os netos recebem dos avós (GC11)

DSC das crianças do GC11

“Todos os días meu avô me dá dinheiro. A minha avó sempre leva bala e me dá presentes, e também dá presentes antes do nosso aniversário”.

Nota: Elaboração Própria

Vale destacar também que, a relação das crianças de sete anos com seus avós evidencia traços de afetividade, com a valorização dos encontros, do tratamento que recebem e o amor mútuo. Já segundo o relato das crianças de 11 anos, a relação mostra-se mais envolvida com recursos materiais e financeiros como forma de demonstração de afeto. Essas diferenças parecem sugerir que o

relacionamento entre netos e seus avós muda com a transição da infância para o início da adolescência. De acordo com Tarallo (2015), ao alcançar certa idade os netos tendem a afastar-se dos avós, cabendo, nesse momento, a educação para as relações intergeracionais.

O relato dos participantes revelou ainda que o relacionamento com os outros idosos se baseia na educação e um convívio consequente da vizinhança. Talvez não estreito como os relacionamentos com os avós, mas positivo.

Sobre o relacionamento das crianças com idosos que não fazem parte do núcleo familiar, tem-se o estudo internacional que contou com a participação de 380 crianças e 12 idosos, que atuaram como voluntários junto às salas de aulas destas crianças, apontou que a participação dos idosos (não familiares) no ambiente escolar favoreceu a mudança de atitudes mais positivas por parte das crianças com relação à velhice. Além disso os autores destacam que o processo de trabalho conjunto de ambas as gerações com um objetivo comum, apresentou-se como algo potencialmente capaz de reduzir as atitudes negativas com relação à velhice. Desta forma, concluiu-se que a interação intergeracional no contexto escolar pode favorecer as mudanças de atitudes de crianças com relação à velhice ainda que os objetivos primordiais da interação não

sejam esses (Dunham & Casadonte, 2009).

Acerca do diálogo sobre pessoas idosas entre as crianças e seus pais, os participantes relataram quanto à ocorrência das conversas, e observou-se que em ambos os grupos as crianças relataram conversar com os pais quando o tema surge em programas de TV ou relataram não conversar com os pais sobre o assunto.

Assim, o papel da televisão parece exercer importante influência para que o assunto seja debatido entre as crianças e seus pais. A partir destes resultados, é possível pensar no quanto esse meio de comunicação pode ser útil quanto às atitudes apresentadas pelas diferentes faixas etárias acerca da velhice, a forma de ver, lidar e interagir com essas pessoas.

Importa destacar para os riscos envolvidos na abordagem do tema por esse meio de comunicação. Pratt (1983) sustenta que as crianças aprenderão sobre a velhice se forem ensinadas ou não, já que escutam e vivenciam experiências em seu dia-a-dia. A questão é o que elas aprenderão, já que podem não saber distinguir o que é fato e ficção, pois ainda não formaram esse papel crítico. Por isso a importância de que meios de comunicação e outros passem informações fidedignas acerca da velhice e do envelhecer, para que as

crianças construam uma opinião centrada na realidade.

Outro aspecto revelado neste estudo foi a falta de diálogo domiciliar sobre o tema. Assim, ainda que a literatura aponte que é no contexto familiar e domiciliar que ocorre a formação de valores (Ribeiro & Bessia, 2015) bem como, o contato com a história da pessoa idosa, este assunto parece não estar presente nas conversas de todas as famílias deste estudo. Ressalta-se a importância de que as famílias sejam esclarecidas e possam a necessidade de diálogo acerca do universo da velhice, para tanto, práticas sociais e educativas devem ser realizadas para que tal estímulo possa ocorrer de forma correta e assertiva.

Os participantes do estudo responderam ao questionamento sobre quantas vezes aprenderam na escola algo sobre velhice ou idosos. No GC7 a maioria das crianças (n=8) nunca aprenderam algo sobre o tema na escola. No GC11, observou-se que há crianças aprenderam algo sobre, uma vez (n=4) e crianças que aprenderam por 2 vezes (n=2).

Com esses resultados percebe-se que o número de crianças que não aprenderam sobre o conteúdo na escola é bem significativo no GC7, ou seja, no 2º e 3º ano. Em comparação ao GC11 esse resultado não surge, mostrando que todas as crianças, que estão no 5º ano, aprenderam 1 ou 2 vezes sobre o tema.

Torna-se essencial salientar, portanto, que o conteúdo parece estar presente, ainda que de forma parca e restrita, em outros anos que não os iniciais.

Os achados do presente estudo coincidem com a literatura, que aponta que pouco tem sido feito a respeito da educação gerontológica nas casas, escolas e comunidades, e ressalta-se a importância da escola (Mcguire, Klein & Couper, 2005; Luchesi, 2011).

Os DSCs a seguir apresentam os exemplos do que as crianças aprenderam na escola sobre envelhecimento, onde é possível observar que o assunto é pouco abordado. Respostas de crianças que não aprenderam nada sobre, apareceram nos resultados evidenciando esta ausência.

Tabela 04

O que os participantes aprenderam na escola sobre o tema (GC7 e GC11)

DSC das crianças do GC7	DSC das crianças do GC11
<i>“Nós temos que respeitar os idosos. Amar e acima de tudo respeitar”.</i>	<i>“Que todos envelhecem, e que temos que ter muita paciência porque alguns idosos estão com problemas e ficam muito carentes. Também respeitar e saber viver sem preconceito”.</i>
<i>“Envelhecimento a pessoa nasce, fica velho e morre. Eles vão crescendo e ficando velhos”.</i>	<i>“Quanto mais o tempo passa, mais ele envelhece”.</i>
<i>“É muito bom as crianças conviverem com os idosos”.</i>	

Nota: Elaboração Própria

Os conteúdos abordados, mostram temas superficiais e relacionados ao senso comum. É visto que alguns conhecimentos são aprendidos de forma errônea e preconceituosa, mostrando o quanto a educação gerontológica é essencial.

Observa-se também que os DSCs das crianças mais novas (GC7) tem uma percepção mais positiva e afetuosa. Das crianças mais velhas (GC11) abordam pontos negativos e pouco da troca intergeracional.

Nos DSCs abaixo se apresentam os resultados das crianças acerca de por que o assunto velhice e idosos foi abordado na escola.

Tabela 05

O motivo do tema ter sido abordado na escola (GC11)

DSC das crianças do GC11
<i>“Porque é sempre bom saber sobre os idosos, aprender a conviver e respeitar”.</i>
<i>“Porque é mais um ensinamento para nós, crianças, que muitas vezes não entendemos a situação do idoso e tiramos sarro”.</i>

Nota: Elaboração Própria

Neste estudo observa-se que, segundo a opinião dos alunos participantes, o tema não é abordado na escola. Acredita-se que, a partir das dúvidas trazidas pelas crianças seja possível que a escola desperte uma visão positiva perante a velhice e a pessoa idosa e as sensibilize. Apesar disso, as crianças apontam o quanto é importante aprender sobre o

tema, como visto nos DSCs anteriores. Relatam o quanto esse conhecimento é importante para elas e um convívio mais positivo com os idosos ao seu redor. Mostram também o quanto o conteúdo, ainda que com os limites apontados, foi relevante para as mesmas as levando refletir em suas ações, posturas e crenças perante à velhice.

Os resultados do presente estudo e a literatura sustentam a necessidade da educação gerontológica que acarretará mudanças no âmbito escolar e também, na sociedade. A qualidade dos conteúdos aprendidos e das experiências vividas pelos alunos vai determinar a qualidade de suas relações com seu mundo (Both, 2006).

Sobre as dúvidas que as crianças possuem acerca dos idosos e da velhice, as crianças do presente estudo relatam questionamentos de natureza diversa, como se observa nos discursos a seguir:

Tabela 06

Dúvidas acerca da velhice (GC7 e GC11)

DSC das crianças do GC7	DSC das crianças do GC11
"Tenho dúvida sobre saber a idade certa que começa o idoso."	"Eu gostaria de saber como deve ser a vida daqueles idosos que a família abandona porque ficou velho ou doente. Se eles preferem ficar longe ou reencontrar com essas pessoas."
"Tenho dúvida sobre saber como cuidar deles."	

Nota: Elaboração Própria

Mostra-se nesses DSCs a curiosidade sobre essa fase da vida, os participantes apresentam questionamentos pertinentes aos cuidados a serem oferecidos, à longevidade e características da velhice como percebido em suas falas.

Como visto nessa pesquisa e conforme aponta a literatura, há necessidade de um trabalho com as crianças sobre o envelhecimento, pois um dia elas estarão cuidando dos seus pais e já podem estar cuidando de seus avós. Além disso, as crianças se tornarão idosas e seu comportamento nesta fase da vida pode ser influenciado pelas vivências e atitudes da infância (Shulman; 2005; Luchesi, 2011).

Quando lhes perguntado sobre se gostariam de saber mais sobre os idosos ou sobre o envelhecimento, as crianças apontam:

Tabela 07

O que os participantes gostariam de saber mais sobre o tema (GC7 e GC11)

DSC das crianças do GC7	DSC das crianças do GC11
"Saber se são felizes".	"Sobre o idoso, pois temos que saber escutar o que os idosos têm a nos ensinar e aprender com eles".
"Saber como vão ficando velhinhos e até quando eles vivem".	
"Saber como lidar com uma pessoa idosa".	

Nota: Elaboração Própria

Mais uma vez observa-se que as crianças apresentam variados tipos de curiosidades que poderiam ser dialogadas entre os pais ou com os próprios idosos. Tais afirmações reforçam o desejo que têm de aprender.

Percebe-se ainda que os questionamentos mudam ao longo do tempo, como visto a partir das falas dos dois grupos. As crianças mais novas (GC7) trazem mais questões relacionadas ao cuidado físico e emocional do idoso enquanto as crianças mais velhas (GC11) trazem também uma preocupação da esfera social.

Acerca do lidar com/cuidar do idoso, a literatura traz que o cuidado informal geralmente é estabelecido por meio do contrato intergeracional, no qual os idosos que cuidaram dos seus filhos e netos esperam ser cuidados por eles na velhice. Logo, a função de cuidar e de ser cuidado é motivada pelo sentimento de reciprocidade, de responsabilidade, de gratidão e de afeto (Wegner & Benitez, 2013; Tarallo, 2015).

Quanto às questões emocionais trazidas pelas crianças, hipotetiza-se que as dúvidas sejam derivadas do vínculo emocional que a relação de avosidade possui. Como aponta Wegner e Benitez (2013) nos lares multigeracionais, o bem-estar dos avós é significativamente afetado pela qualidade das relações com seus filhos e netos, sendo os vínculos

emocionais mais importantes que a proximidade física e a oportunidade de interação.

Já com relação às questões físicas, Gvozđ e Dellaroza (2013) abordam que o idoso é visto pelos mais jovens com uma visão de incapacidade física e doença. Essas visões são embasadas no senso comum que como visto no estudo, influencia na formação da criança e o modo com ela encara a velhice. Contudo, a literatura aponta para a contribuição das trocas intergeracionais para uma concepção positiva do envelhecer (Mazutti & Scortegagna, 2006).

No âmbito social, segundo Tarallo (2015) os avós tendem a influenciar na socialização de seus netos, e constitui-se um elemento essencial para a troca intergeracional. Esse âmbito é influenciado por fatores que potencializam ou reduzem a oportunidade de interação social, podendo ser fatores de várias dimensões. As dúvidas caracterizadas nesse campo, somam a esta compreensão.

As crianças demonstram possuir dúvidas de diferentes naturezas o que aponta para a necessidade da abordagem do tema nos diferentes contextos de vivência das crianças, o que favoreceria a aprendizagem e poderia contribuir para relacionamentos na diversidade. Segundo Reali e Tancredi (2005), escola e família, como primeiros cenários de atuação

infantil, compartilham da tarefa de preparar as crianças para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade, o que inclui as questões relacionadas ao velho e ao envelhecer.

Conclusão

Os resultados revelaram que as crianças mais velhas apresentam mais dificuldades de relacionamento com idosos, embora também tenham-no descrito, em sua maioria, como algo positivo. Verificou-se também que, a convivência entre crianças e idosos parece ficar menos frequente com o passar do tempo. Ressalta-se a relevância de investimento de ações educativas sobre o tema na mais tenra idade, para que essas mudanças ocorridas ao longo do crescimento das crianças possam ser atenuadas ou melhor elaboradas pelos envolvidos.

Em ambos os grupos, muitas crianças mencionam não conhecer pessoas idosas (além dos avós), o que aponta para a necessidade de se explorar as características do contexto em que tal população está inserida ou mesmo sobre a concepção que elas têm sobre a velhice. Além disso, tal informação afirma mais uma vez a necessidade de direcionar ações educativas às faixas etárias sobre o tema. Pensando em um investimento neste tema desde os primeiros anos, acredita-se que o olhar das crianças conforme o tempo seria mais positivo.

Este estudo fornece elementos para somar sobre a importância de práticas educativas sobre o tema para que a criança compreenda com maior profundidade, quem é a pessoa idosa e para estimular e potencializar o convívio intergeracional.

Com o engajamento contínuo das novas tecnologias e as informações as quais as crianças são vulneráveis, como a influência da mídia, é imprescindível que ações em diferentes contextos, em especial na família e na escola, possam maximizar o diálogo e a vivência de relacionamentos diversos, incluindo-se aí os intergeracionais. Acredita-se que o diálogo entre pais e filhos possa ajudar a filtrar a imagem de idoso que é passada às crianças que, como visto no estudo, ocorre na maior parte das vezes a partir da televisão. Porém, nesta direção, é percebido que os pais muitas vezes são frutos dessa mesma cultura, sendo necessário, portanto, ampliar o debate e reflexões sobre o tema.

Investir em elementos que forneçam subsídios para a reflexão e compreensão mais positiva sobre a velhice, amplia a concepção das crianças, favorecendo sua construção de mundo e do que o compõe. Ela passa a apreciar e considerar o que ocorre ao seu redor de outra forma, além de conviver com respeito e tolerância à diferença.

Bibliografía

- Both, A. (2006, Julho). Escola, currículo, qualidade de vida e integração de gerações. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 3(2), 43-51.
- Camarano A. A., Kanso S., & Mello J. L. (2004). Como vive o idoso brasileiro? In Camarano A. A. (Org.), *Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?* (pp. 19-71). Rio de Janeiro: IPEA.
- Cottle, N. R., & Glover, R. J. (2007). Combating ageism: change in student knowledge and attitudes regarding aging. *Educational Gerontology*, 33, 501-512.
- Dias, C. M. S. B., & Silva, M. A. S. (2003). Os avós na perspectiva de jovens universitários. *Revista Psicologia em Estudo*, 8(spe), 55-62. doi:10.1590/S1413-73722003000300008
- Dunham, C. C., & Casadonte, D. (2009). Children's attitudes and classroom interaction in an intergenerational education program. *Educational Gerontology*, 35(5), 453-464. doi:10.1080/03601270802605473
- Gusmão, N. M. (2003). *Infância e velhice*. Pesquisa de ideias. Campinas, SP: Alínea.
- Gvozd, R., & Dellarozza, M. S. G. (2012). Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 15(2), 295-304. doi:10.1590/S1809-98232012000200012
- Lefèvre, A. M. C., Lefevre, F., Cardoso, M. R. L., & Mazza, M. M. P. R. (2002). Assistência pública à saúde no Brasil: estudo de seis ancoragens. *Saúde e Sociedade*, 11(2), 35-47. doi:10.1590/S0104-12902002000200004
- Lefèvre, F., & Lefèvre, A. M. C. (2010). *Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do discurso de sujeito coletivo*. Brasília: Líber libro.
- Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. (2003). Dispõe sobre o estatuto do idoso. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Luchesi B. M., Pavarini S. C. I., & Viana A. S. (2012). Cognitive alterations of the elderly in home settings and the attitudes of children towards aging. *Revista Escola de Enfermagem da USP*, 46(2), 335-341. doi:10.1590/S0080-62342012000200010
- Luchesi, B. M. (2011). *Crianças que convivem com idosos: atitudes em relação à velhice percepção sobre demência*. (Dissertação de mestrado), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Mazutti, C., & Scortegagna, H. M. (2006). Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. *Revista Brasileira de Ciência e Envelhecimento Humano*, 101-112. doi:10.5335/rbceh.2012.77
- McGuire, S. L., Klein, D., & Couper, D. (2005). Aging Education: A National Imperative. *Educational Gerontology*, 31, 443-460. doi:1080/03601270590928170
- Mendes, M. G., & Alves, J. F. (2004). Percepção de auto-eficácia na influência sobre os adolescentes: o ponto de vista dos avós. *Revista Kairós Gerontologia*, 7(2), 83-94.
- Mühl, E. E., & Esquinsani, V. (2004). Diálogo: resignificação da prática pedagógica no cotidiano escolar. In E. H. Mühl; V. A. Esquinsani. *O diálogo resignificando o cotidiano escolar*. (pp. 7-14). Passo Fundo: UPF.

- Neri, A. L. (1995). *Psicología do Envelhecimento*. Campinas: Papyrus. doi:10.1590/S0103-863X2005000200011
- Oliveira, A. R. V. (2009). *Avosidade: visão das avós e de seus netos*. (Dissertação de mestrado), Universidade Católica de Brasília, Brasília, Brasil. Recuperado de <https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1279/1/Texto%20completo%20Alessandra%20Ribeiro%20-%202009.pdf>
- Oliveira, N. A., Luchesi, B. M., Inouye K., Barham, E. J., & Pavarini S. C. I. (2015). Avaliação da atitude das crianças que residem com idosos em relação à velhice. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(1), 87-94. doi:10.1590/1982-0194201500015
- Postigo, J. M. L., & Honrubia, R. L. (2010). The co-residence of elderly people with their children and grandchildren. *Educational Gerontology*, Taylor e Francis Group, 36, 330-349. doi:10.1080/03601270903212351
- Pratt, F. (1983). *Why Teach about Aging?* Southington, CT: Center for Understanding Aging.
- Ramos, A. C. (2009). O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. *Educação e Realidade*, 34(2), 239-260. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/9354/5544>
- Ramos, A. C. (2014). Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. *Educação e Sociedade*, 35(128), 781-809. doi:10.1590/S0101-73302014000300001
- Realí, A. M. M. R., & Tancredi, R. M. S. P. (2005). A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 15(31), 239-247.
- Ribeiro, N. V., & Bessia, J. F. (2015). *As contribuições da família para o desenvolvimento da criança na educação infantil*. (Trabalho de Iniciação Científica), Faculdades Integradas de Aracruz, Aracruz, ES, Brasil. Recuperado de http://www.faacz.com.br/portal/conteudo/iniciacao_cientifica/programa_de_iniciacao_cientifica/2015/anais/as_contribuicoes_da_familia_para_o_desenvolvimento_da_crianca.pdf
- Rosenmayr, L., & Köckeis, E. (1963). Propositions for a sociological theory of ageing and the family. *Paris, International Social Science Journal*, 15, 410-437.
- Schmidt, C. (2007). *As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas?* (Dissertação de mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Shulman, S. C. (2005). The Changing Nature of Family Relationships in Middle and Later Life: Parent-Caring and the Mid-Life Developmental Opportunity. *Smith College Studies in Social Work*, 75(2). doi:10.1300/J497v75n02_07
- Sousa, L. (2006). Avós e netos: uma relação afetiva, uma relação de afectos. *Revista Povos e Culturas*, 10, 39-50.
- Souza, A. F. (2014). *Avosidade: A Relação Entre Avós e Netos*. (Monografia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, Brasil. Recuperado de <https://repositorio.ucb.br/jspui/handle/123456789/6745>
- Tarallo, R. S. (2015). As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. *Revista Kairós Gerontologia*, 18(19),

39-55. Recuperado de
<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairios/article/view/26592/19018>

Wegner, E., & Benitez, L. B. (2013). O idoso no contexto familiar: a função de cuidado. *Revista Jovens Pesquisadores*, 3(2), 92-101. doi:10.17058/rjp.v3i2.4089

Wilding, R. (2006). "Virtual" intimacies? Families communicating across transnational contexts'. *Global Networks*, 6(2), 125-142. doi:10.1111/j.1471-0374.2006.00137.x

Yamashiro, J. A., & Matsukura, T. S. (2015). Cotidiano e estresse de avós de crianças com deficiência e de avós de crianças com desenvolvimento típico. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 20(3), p. 849-863. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/43239/36691>

Financiamento

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).